

«O Escritor» é uma narrativa em 27 fases. Cada imagem é um pictograma, um fotograma congelado na página, cujo significado é posto em movimento pela leitura. A leitura será sempre múltipla porque à ilusão de ver se acrescenta a ilusão de ler. Todo o pictograma é criptograma.

A história da imaginação é também a história do seu vocabulário e este implica aquilo a que Coleridge chamou «a voluntária suspensão da descrença».

Entre o autor e o leitor cria-se uma relação de cumplicidade: possuídos dum código comum decifram-se mutuamente.

É assim que se instituem.

O autor e o leitor são exploradores sistemáticos — o autor fornece o mapa dos itinerários e o leitor percorre-os, mas os percursos são livremente condicionados.

O autor concebe o percurso da experiência e realiza-o primeiro mas ao publicá-lo deturpa-o, isto é, transfigura-o, e desse modo a sua experiência o ultrapassa.

É nesse instante que ele adquire o valor de documento pois que referindo-se a ele refere-se a ela: a publicação resume uma série de actos, os quais, por si, referem uma multidão de coexistências. Se para o autor a publicação é a última fase do processo, para a obra ela é a primeira, e assim tão documental é a publicação da sua experiência como a interpretação que dela hão-de fazer os leitores.

«O Escritor» documenta, simultaneamente, um percurso e a sua petrificação no texto, o modo como este se autonomiza, o modo como aquele nele desaparece: o modo como o escritor substitui a fala pela escrita, que é a sua voz mais alta, mais ambígua.

É assim que os diferentes graus de legibilidade do texto se tornam um desafio à construção de significados.

O leitor torna-se uma testemunha que depõe, agindo, nesse processo histórico.

«O Escritor», elaborado entre 1967 e 1972, pode dizer-se particularmente característico da fase difícil que atravessaram alguns escritores portugueses da geração da autora em que o desânimo e a descrença e, por outro lado, a revolta e a repulsa, ao mesmo tempo que os impeliam a prosseguir minavam o seu trabalho. Nesse aspecto é também uma representação necessária dum estado de repressão prolongada.

A. H.

Janeiro de 1975.